



ÁGUAS DO MARAJÓ: UM BREVE ESTUDO SOBRE OS NOMES DAS ROTAS MARÍTIMAS DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA – PA

Roner Pantoja da SILVA (G-UFPA)

Profª Ma. Cinthia NEVES (UFPA)

Resumo

Este trabalho que faz parte de um projeto que visa constituir um Atlas toponímico do Marajó, denominado ATOMA, tem como objetivo mostrar um estudo toponímico relacionado à classificação dos nomes dos rios da cidade de São Sebastião da Boa Vista – PA, verificando as condicionantes que motivaram e/ou influenciaram na origem de seus nomes. A metodologia empregada corresponde a uma pesquisa de cunho bibliográfico e a utilização da classificação taxionômica padrão proposta por Dick (1990). Sistematizados alguns dados podemos destacar a ocorrência de taxes toponímicas, tanto de natureza física quanto de natureza Antropocultural, sendo que se sobressaem as de natureza física e há a predominância de taxes de etimologia Tupi-Guarani.

Palavras-chave: Onomástica. Taxionomia. Toponímia. São Sebastião da Boa Vista.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho que faz parte de um projeto que visa constituir um Atlas toponímico do Marajó, denominado ATOMA, tem como objetivo mostrar um estudo toponímico relacionado à classificação dos nomes dos rios da cidade de São Sebastião da Boa Vista – PA, verificando as condicionantes que motivaram e/ou influenciaram na origem de seus nomes. É de suma importância para os indivíduos de uma comunidade a preservação de seus conhecimentos e de sua cultura, uma das formas de se preservar é por meio justamente da palavra, seja ela perpetuando histórias ou lendas de um povo (oralmente ou escrita) ou ainda, por meio da denominação de seus espaços. Partindo desta perspectiva é que se realiza este estudo, buscando saber como tal sociedade organizava o mundo que a cercava por meio do processo de utilização do léxico próprio, mais especificamente nomeando seus lugares. Quando se nomeia um lugar é natural que haja fatores que influenciem ou motivem a escolha do nome. Esses fatores podem remeter a alguma especificidade do acidente geográfico ou referir-se a uma cosmovisão dos habitantes do local, e é por intermédio dos estudos Onomástico-toponímicos que se desvendam essas singularidades. Ressaltamos que este é um estudo preliminar e sem precedentes, para tanto foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico e a utilização da classificação taxionômica padrão proposta por Dick em 1990; utilizamos também mapas do portal de dados do IBGE (2010) relacionados a cidade; fichas do SIVEP-MALÁRIA (sistema de informação de vigilância epidemiológica) do Ministério da Saúde; e coletamos dados no site da prefeitura do município <<http://www.pmssbv.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/>>. Escolhemos os autores: DICK (1987), GOMES NETA (2016), MELO (2015) dentre outros como referencial teórico para este trabalho. Sistematizados os dados

podemos destacar a ocorrência de *taxes* toponímica, tanto de natureza física quanto de natureza Antropocultural, sendo que se sobressaem as de natureza física e a predominância de *taxes* de etimologia Tupi-Guarani.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

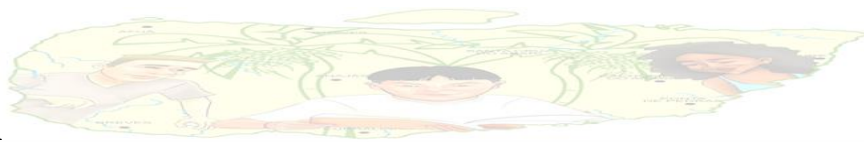
2.1 A ONOMÁSTICA

É de suma importância para os indivíduos de uma comunidade a preservação de seus conhecimentos e de sua cultura, uma das formas de se preservar é por meio da palavra, seja ela perpetuando histórias ou lendas de um povo (oralmente ou escrita) ou ainda, por meio da denominação de seus espaços. Partindo dessa última perspectiva é que se realizam os estudos onomásticos, buscando saber como as sociedades organizavam o mundo que as cercava por meio do processo de utilização do léxico próprio, mais especificamente nomeando objetos, pessoas e lugares. O campo da Onomástica é muito rico em informações e proporciona investigações muito proveitosas, sendo que os dados que se coletam e sua posterior análise podem revelar fatos que só engrandecem e suplantam toda a história de uma sociedade. Quando se nomeia um lugar é natural que haja fatores que influenciem ou motivem a escolha do nome. Esses fatores podem remeter a alguma especificidade do acidente geográfico ou referir-se a uma cosmovisão dos habitantes do local, e é por intermédio dos estudos onomásticos que se desvendam essas singularidades dos nomes próprios de pessoas ou lugares.

De acordo com Gomes neta (2016) este ramo ciência está dividido em Antroponímia (estudo dos nomes, sobrenomes e apelidos) e toponímia (estudo dos nomes de lugares) ‘a palavra “onomástica” é proveniente do grego antigo e carrega consigo o próprio significado - Onoma: nome’. A importância do léxico é ressaltada pela autora da seguinte maneira:

O vocabulário, ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo. Essa transição vocabular do sistema lexical da língua plena para o uso onomástico simula uma representação externa em que nomeador, espaço nomeado e receptor se une. (SEABRA, 2006 apud GOMES NETA, 2016).

Dar nomes a coisas externo a si próprio é algo que parece está arraigado ao homem desde os primórdios de sua existência, um exemplo disso é que nos escritos religiosos, mas precisamente no livro sagrado dos cristãos há uma referencia a esta ação humana em Gênesis, Deus leva a presença do homem, Adão, todos os animais da terra para que ele os denomine e os sujeite (Gênesis 2:19). Demonstração esta da necessidade do homem de designar nominalmente objetos e da antiguidade dessa atividade exercida desde as mais remotas civilizações. E é todo este contexto de história das sociedades que a Onomástica visa revitalizar.



2.2 A TOPONÍMIA

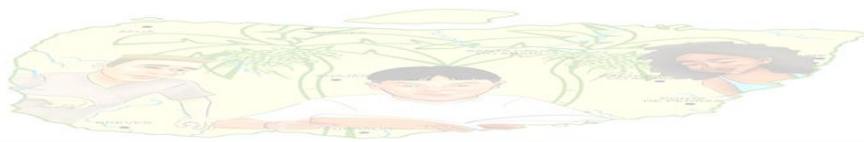
A toponímia como ramo dos estudos Onomásticos é o campo de pesquisa responsável pelo estudo dos nomes próprios que designam os lugares, que por sua vez são comumente chamados de topônimos. De acordo com Dick (1987):

O aparecimento da toponímia como um corpo disciplinar sistematizado ocorreu na França por volta de 1878, quando Auguste Longnon introduziu seus estudos, em caráter regular (...) no colégio da França. Do curso então ministrado, seus alunos publicaram, postumamente, após 1912, a obra que se chamou *Les Noms de lieu de la France*, considerada clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados. Mais tarde, em 1922, Albert Dauzat retomou os estudos onomásticos interrompidos pela morte de Longnon, em uma de suas conferências, (...) onde fez publicar uma “*chronique de toponymie*” com uma bibliografia crítica, região por região, das fontes e dos trabalhos já publicados, desde que historiadores, geógrafos e linguistas europeus incluíram em seus ensaios, pesquisas sobre nomes antigos de lugares. (DICK, 1987 p. 93-94).

A toponímia busca, desta forma, descobrir com a maior exatidão possível as peculiaridades relacionadas a um determinado nome realizando o estudo da etimologia, do caráter semântico da palavra e de suas transformações. A autora supracitada define ‘Toponímia como “o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.)”. A importância deste tipo de pesquisa é ressaltada por Melo (2016) quando diz que:

Os estudos toponímicos compõem um caminho para o conhecimento de modo de vida das comunidades linguísticas que ocuparam um determinado ambiente geográfico, histórico e cultural, no momento que um sujeito-nomeador determina um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí, tendências sociais, políticas, religiosas, culturais, entre outras. (MELO, 2016, p. 43).

Observa-se que o autor esclarece a relação de dependência que o ser humano possui de identificar os espaços caracterizando-os da forma com que ele interage com os mesmos. Pois, não é apenas rotular ou criar uma etiqueta de identificação para o espaço. Quando o homem ‘batiza’ um determinado local, passa a ter não somente uma, mas, várias ligações com este, explicitando todas as noções psíquicas e sociais (o gosto, o amor, a saudade, o orgulho, a vaidade, política, religião, cultura, hábitos, comidas etc.) que ele tem com o ambiente que o cerca. Desta forma, pode-se dizer que é o homem que dá significado as coisas a partir do momento da denominação. De acordo com Gomes Neta (2016) hoje é certo que a Toponímia se dedica ao estudo dos nomes de lugares norteado pela função onomástica da língua, os ramos do saber científico devem se unir para atingir o propósito de estudar os topônimos como fenômeno “complexo-língua-cultural” que são. Assim, nenhum topônimo poderá ser tomado isoladamente, uma vez que ele recebe em sua constituição influências internas e externas à língua.



2.3 O TOPÔNIMO

Os topônimos expressam diretamente relações entre o homem e o espaço geográfico uma vez que o ato de nomear é essencialmente humano. O topônimo sempre irá representar a realidade cultural, psíquica, social e religiosa daquele que o estabelece e/ou impõe. Pode-se então, por meio do topônimo recuperar uma parte da relação de determinados indivíduos com um espaço demarcado ao qual ele vive ou habitou antigamente. Podemos entender o estudo dos topônimos da seguinte forma:

[...] o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxas predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos (TAVARES E ISQUERDO, 2006, p.3 apud MELO, 2016).

Sendo assim, a denominação dos lugares não é uma mera referencia descrita de algo, mas se confunde com a percepção e história do povoado com o local. A imposição de um topônimo – ou seja, de um nome para um lugar- complementa uma ação específica dos animais de sempre delimitar um espaço exclusivo seu, no caso do uso dos topônimos isso distingue nominalmente aquele lugar de outros semelhantes ou mesmo diferentes. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse de um lugar.

De acordo com Zamariano ([s.d]) em seu artigo intitulado ‘reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia’:

[...] o signo toponímico (nome próprio de lugar – topônimo), que é o signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico. [...] possui função de identificação, isto é, tudo que existe tem sua nomenclatura, terminologia, que envolve um sistema de palavras, qualidades para determinar fatos, fenômenos ou objetivos, com o intuito de determinar seu real significado e suas relações com o universo conhecido. (ZAMARIANO, [s.d]).

Portanto, segundo essas considerações pode-se observar que a função do topônimo vai muito além de somente identificar um lugar. Traz em sua essência muito da cultura, da sociedade, da religiosidade, das especificidades, da vivência e da influência do meio ambiente sobre um grupo de seres humanos. Como afirma Dick (1990) apud Zamariano ([s.d]) “nome e nomeador pertencem a um só conjunto, são elementos da mesma origem, unidos pelo ato da nomeação”.

2.4 AS TAXIONOMIAS TOPONÍMICAS

De acordo com Gomes neta (2016) Dick a partir de suas pesquisas estabeleceu a classificação das taxionomias (obrigatoriamente adotada hoje por qualquer pesquisador neste campo) de acordo com a natureza motivacional (semântica) do topônimo, constituindo vinte e sete

SILVA, Roner Pantoja da. Águas do Marajó: um breve estudo sobre os nomes das rotas marítimas de São Sebastião da Boa Vista – PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: **2358-1131**

taxes: onze de natureza física (aquelas caracterizadoras do ambiente em seus aspectos de formação - rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais etc.); dezesseis de natureza antropológica (caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes de natureza religiosa, títulos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países etc.), a saber:

Taxionomias de Natureza Física:

- 1 – Astrotopônimos: “topônimos relativos aos corpos celestes em geral”. Ex. Estrela (AH - BA).
- 2 – Cardinotopônimos: “topônimos relativos às posições geográficas em geral”. Ex. córrego do Meio (AF – Camapuã).
- 3 – Cromotopônimos: “topônimos relativos à escala cromática”. Ex. ribeirão Vermelho (AF – Camapuã).
- 4 – Dimensiotopônimos: “topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade”. Ex. cabeceira Comprida (AF – Ribas do Rio Pardo).
- 5 – Fitotopônimos: “topônimos de índole vegetal, espontânea em sua individualidade”, ex. córrego Jatobá (AF – Camapuã); “em conjunto da mesma espécie”, ex. ribeirão Bananal (AF – Alcinópolis), “ou de espécies diferentes”, ex. córrego do Mato (AF – Jaraguari), “além de formações não espontâneas individuais”, ex. ribeirão da Figueira (AF – Coxim), “e em conjunto”, ex. Figueirão (distrito – Camapuã).
- 6 – Geomorfotopônimos: “topônimos relativos às formas topográficas”. Ex. ribeirão Furna (AF – Alcinópolis).
- 7 – Hidrotopônimos: “topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral”. Ex. Água Boa (distrito – Rochedo).
- 8 – Litotopônimos: “topônimos de índole mineral, relativo também à constituição do solo”. Ex. Rochedinho (distrito – Campo Grande).
- 9 – Meteorotopônimos: “topônimos relativos a fenômenos atmosféricos”. Ex. Ventania (AH – SP).
- 10 – Morfotopônimos: “topônimos que refletem o sentido de forma geométrica”. Ex. córrego da Forquilha (AF – Camapuã).
- 11 – Zootopônimos: “topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos” córrego dos Bois (AF – Camapuã) “e não domésticos” Lobo (povoado -Pedro Gomes) “e da mesma espécie em grupos” rio Vacaria (AF – Sidrolândia).

Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural:

- 1 – Animotopônimos ou Nootopônimos: “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu

aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física”. Ex. córrego Alegria (AF – Rio Verde de Mato Grosso).

2 – Antropotopônimos: “topônimos relativos aos nomes próprios individuais”. Ex. córrego Belchior (AF – Terenos).

3 – Axiotopônimos: “topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais”. Ex. córrego Almirante (AF – Sidrolândia).

4 – Corotopônimos: “topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes”. Ex. córrego Israel (AF – Camapuã).

5 – Cronotopônimos: “topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia pelos adjetivos novo/nova, velho/velha”. Ex. córrego Novo (AF – Jaraguari).

6 – Dirrematotopônimos: “topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos”. Ex. córrego Falha dos Padres (AF – Rio Negro).

7 – Ecotopônimos: “topônimos relativos às habitações de um modo geral”. Ex. cabeceira da Tapera (AF – Bandeirantes).

8 – Ergotopônimos: “topônimos relativos aos elementos da cultura material”. Ex. ribeirão das Botas (AF – Campo Grande).

9 – Etnotopônimos: “topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não”. Ex. córrego Goiano (AF – Camapuã).

10 – Hierotopônimos: “topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças [...]”, ex. córrego da Cruz (AF – Alcinópolis). “Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a – hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e as santas do hagiológico romano”, ex. córrego São João (AF – Rio Negro); “b – mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas”, ex. Montalvão13 (AF – Ribas do Rio Pardo).

11 – Historiotopônimos: “topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes”. Ex. córrego Bandeira (AF – Corguinho).

12 – Hodotopônimos (ou odotopônimos): “topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana”. Ex. córrego Picada (AF – Pedro Gomes).

13 – Numerotopônimos: “topônimos relativos aos adjetivos numerais”. Ex. Córrego Sete Voltas (AF – Ribas do Rio Pardo).

14 – Poliotopônimos: “topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial”. Ex. córrego da Aldeia (AF – Camapuã).

15 – Sociotopônimos: “topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade”. Ex. córrego Garimpinho (AF – Camapuã).

16 – Somatotopônimos: “topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal”. Ex. córrego Bracinho (AF – Bandeirantes).

3. DADOS DO CORPUS DE PESQUISA

O Município de São Sebastião da Boa Vista pertence à mesorregião do Marajó e à microrregião de Furos. A “sede municipal apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 01o 43’05” S “e 49o 31’45” W Gr. Limita-se ao Norte com Anajás, a Leste com Muaná, Ao Sul com Limoeiro do Ajuru e a Oeste com Breves e Currallinho. A origem do Município vem dos tempos coloniais. No ano 1758, através do Presidente da Província, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, recebeu o título de Freguesia em cumprimento a Lei de 06 de junho de 1755, sob a invocação de São Sebastião. A denominação de “Boa Vista”, segundo relatos de antigos moradores, vem de uma visita do Dr. Ferreira Pena, que do lado da Matriz, olhando a paisagem – mar, ilhas, céu – teria exclamado: *“De hoje em diante vocês devem chamar de SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, por essa linda paisagem”*. São Sebastião, em 1846 era um sítio da propriedade do Sr. Manoel Moraes Nunes, esse Senhor festejava todos os anos em 20 de janeiro a imagem de São Sebastião, e mandava celebrar a Santa Missa em uma das salas, de sua residência transformada em capela do Santo. A Santa Missa era celebrada pelo padre – Policarpo José Rodrigues vigário da vila de Oeiras, mais tarde Araticu e hoje Oeiras do Pará. Em 1854 o Sr. Manoel Nunes, fez doação de terreno a Imagem de São Sebastião, onde foi construída a primeira capela, e atualmente a estátua da Imagem está fixada no local onde era o antigo altar da Igreja Matriz da Cidade de São Sebastião da Boa Vista.

A cobertura vegetal é representada tanto pela floresta densa de planície aluvial, quanto pela aluvial campestre e pelos cerrados, além de áreas de capoeiras, onde a cobertura primitiva foi removida para o cultivo de espécies de subsistência. Registra-se a elevada presença de palmáceas nas áreas inundáveis às margens dos cursos d’água, dentre as quais se destaca o açaí (*Euterpe oleracea*, Mart.). São Sebastião da Boa Vista é um município de ecossistema peculiar, com grande número de rios, furos¹, igarapés e ilhas, destacando-se os rios Pará e Pracuúba, os furos Boa Vista, Tucupi, Laranja e outros, e as ilhas de Santo Antônio, Chaves, Coroca, Umarituba, Paulo, Cruzeiro, e outras.

Destaca-se, no Município, prioritariamente, o rio Pracuúba que nasce a noroeste do Município e deságua no rio Pará. Recebe vários afluentes, destacando-se pela margem esquerda, no

¹ Por conta de não encontrarmos dados documentais oficiais sobre a definição do que é ‘Furo’ e do que é ‘igarapé’, seguimos a mesma classificação apresentada nos mapas do IBGE (2010), quanto aos cursos d’água chamados de ‘furo’ e ‘igarapé’.

SILVA, Roner Pantoja da. Águas do Marajó: um breve estudo sobre os nomes das rotas marítimas de São Sebastião da Boa Vista – PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

seu médio curso, os rios Cariá, Tiririca e Guajará, este último limitando o Município a leste com Muaná. Próximo à foz, no baixo curso, em comunicação com uma série de furos, paranás, igarapés e com o rio ou furo Boa Vista, estão vários afluentes, entre eles o Pracuúba-Miri, Vilelazinho, Umarituba, Pacujutá, todos tendo comunicação com o rio Pracuúba. Fazendo parte do clima equatorial úmido, o clima do Município apresenta todas as características próprias deste clima: amplitude térmica mínima, temperatura média em torno de 27°C, mínima superior a 18°C e máxima de 36°C, umidade elevada e alta pluviosidade nos seis primeiros meses do ano. Nesses meses mais chuvosos ocorrem as menores temperaturas, enquanto que, nos últimos seis meses, processam-se as temperaturas mais altas. Segundo o IBGE em 2010, a população do Município era de 22.904 habitantes, sendo que a estimativa de 2013 é de 24.363 habitantes.

4. FICHA LEXICOGRÁFICO – TOPONÍMICA

Figura 1 – Ficha lexicográfica da cidade de São Sebastião da Boa Vista.

Localização/ Município:
O Município de São Sebastião da Boa Vista pertence à mesorregião do Marajó e à microrregião de Furos.
Topônimo:
São Sebastião da Boa Vista
A.G.:
Humano / cidade
Taxionomia:
Hagiotopônimo
Etimologia:
Português
Entrada Lexical:
São Sebastião
Estrutura Morfológica:
Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido – são (morfema lexical) + Sebastião (morfema lexical) + de (preposição) + -o (morfema gramatical) = do (conectivo) + Boa (morfema lexical) + Vista (morfema lexical).
Histórico:
Freguesia de São Sebastião > Município de São Sebastião da Boa Vista.
Informações Enciclopédicas:
A origem do Município vem dos tempos coloniais. No ano 1758, através do Presidente da Província, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, recebeu o título de Freguesia em cumprimento a Lei de 06 de junho de 1755, sob a invocação de São Sebastião. A denominação de “Boa Vista”, segundo relatos de antigos moradores, vem de uma visita do Dr. Ferreira Pena, que do lado da Matriz, olhando a paisagem – mar, ilhas, céu – teria exclamado: “ <i>De hoje em diante vocês devem chamar de SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, por essa linda paisagem</i> ”. < http://www.pmssbv.pa.gov.br/o-municipio/historia/ >

Coordenador (a) ATOMA: Profa. Ma. Cinthia Neves.
Pesquisador: Roner Pantoja da Silva
Data de coleta: Outubro/Novembro/Dezembro de 2017.

Fonte: dados do corpus de pesquisa.


5. SÍNTESE DOS DADOS

A seguir é apresentada uma tabela em que podemos observar o resumo dos dados obtidos a partir da classificação taxionômica e da pesquisa etimológica dos topônimos encontrados na área pesquisada.

Tabela 1 – Distribuição toponímica, taxionômica e etimológica dos dados obtidos sobre o corpus de pesquisa.

SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA			
TOPÔNIMO	ACIDENTE	TAXIONOMIA	ETIMOLOGIA
Arequeira	Rio	Fitotopônimo	-
Campina	Rio	Fitotopônimo	Latim
Cariá	Rio	Zootopônimo	Tupi guarani
Castanhal	Rio	Fitotopônimo	-
Guajará	Rio	Fitotopônimo	Tupi guarani
Juruçu	Rio	Zootopônimo	Tupi guarani
Maritubinha	Rio	Dimensiotopônimo	Tupi/português
Pará	Rio	Dimensiotopônimo	Tupi guarani
Pracuúba	Rio	Fitotopônimo	Tupi guarani
Pracuúba-mirim	Rio	Dimensiotopônimo	Tupi guarani
Tiririca	Rio	Fitotopônimo	Tupi guarani
Umarituba	Rio	Fitotopônimo	Tupi guarani
Acutituba	Furo	Zootopônimo	Tupi guarani
Boa vista	Furo	Animotopônimo	Português
Estreito	Furo	Dimensiotopônimo	Latim
Flexal	Furo	Ergotopônimo	-
Grande	Furo	Dimensiotopônimo	Latim
Juncal	Furo	Fitotopônimo	Malaio
Laranja	Furo	Fitotopônimo	Árabe
Portilhão	Furo	Antropotopônimo	-
Tamanduá	Furo	Zootopônimo	Tupi guarani
Tartaruga	Furo	Zootopônimo	Latim
Tucupi	Furo	Ergotopônimo	Tupi guarani

SILVA, Roner Pantoja da. Águas do Marajó: um breve estudo sobre os nomes das rotas marítimas de São Sebastião da Boa Vista – PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



Tucupizinho	Furo	Dimensiotopônimo	Tupi/português
Vilela	Furo	Antropotopônimo	Latim
Vilelazinho	Furo	Dimensiotopônimo	Latim/português
Alho	Igarapé	Fitotopônimo	Latim
Anta	Igarapé	Zootopônimo	Latim
Braço do Capinarama	Igarapé	Somatopônimo	-
Caité	Igarapé	Fitotopônimo	Tupi guarani
Caititu	Igarapé	Zootopônimo	Tupi guarani
Campo	Igarapé	Fitotopônimo	Latim
Capoeira	Igarapé	Cronotopônimo	Tupi guarani
Chata	Igarapé	Dimensiotopônimo	Latim
Manguá	Igarapé	Ergotopônimo	-
Mato grosso	Igarapé	Fitotopônimo	-
Mutum	Igarapé	Zootopônimo	Tupi guarani
Pasto	Igarapé	Fitotopônimo	Latim
Repartimento	Igarapé	Ergotopônimo	-
Vilelazinho	Igarapé	Antropotopônimo	Latim/português

Fonte: Dados do corpus de pesquisa.

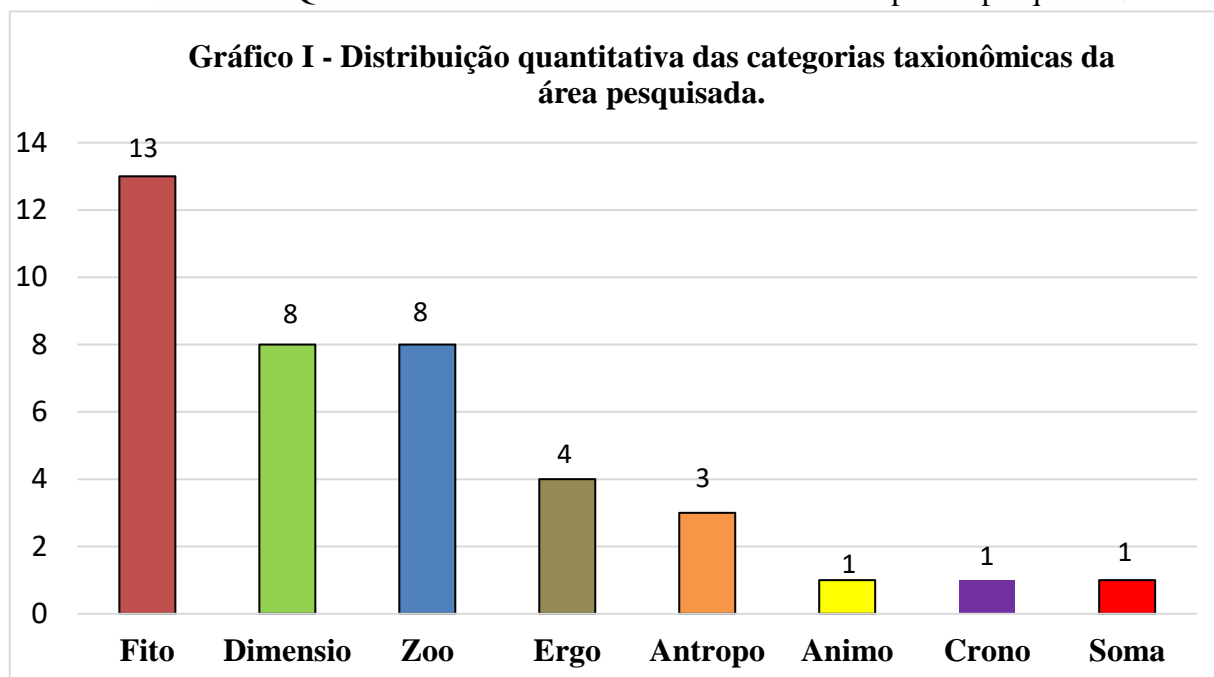
Ocorreu que alguns dos topônimos encontrados na área pesquisada não se enquadraram em nenhuma das 27 taxes propostas pelo modelo de Dick (1990), pela carência de dados suficientes sobre a exatidão etimológica de seus nomes. Estes topônimos estão elencados abaixo:

TOPÔNIMO	ACIDENTE	TAXIONOMIA	ETIMOLOGIA
Pacujuta	Rio	-	-
Ladegário	Igarapé	-	-
Mumuna	Igarapé	-	-
Titica	Igarapé	-	-

Fonte: Dados do corpus de pesquisa.

A seguir apresentamos a representação gráfica distribucional quantitativa das 8 (oito) taxes toponímicas que ocorrem na área pesquisada e o número de topônimos que se enquadram em cada uma das taxes.

Gráfico 1 – Quantitativo total das taxes encontradas no corpus de pesquisa.



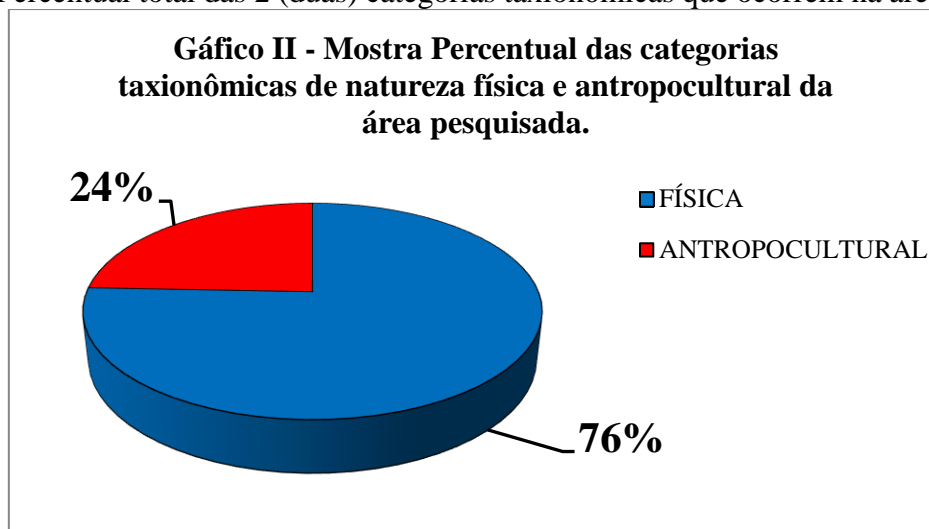
Fonte: dados do corpus de pesquisa.

Neste primeiro gráfico pode-se observar que a taxionomia toponímica que mais ocorre nesta área é a fitotopônica com 13 ocorrências, esta taxionomia como já sabemos enquadra-se na categoria de natureza física, pois se refere a elementos naturais que constituem a flora. Em seguida encontramos as taxes dos Dimensiotopônimos e dos Zootopônimos com oito ocorrências cada e correspondem a dimensões: largura, comprimento, extensão, altura, profundidade, etc., e nomes de índole animal, respectivamente. Percebe-se também a existência de taxes dos Ergotopônimos com quatro ocorrências, estas fazem referências a elementos da cultura material. Há taxes dos Antropotopônimos com três ocorrências, que representam os nomes próprios individuais. E encontramos também com apenas uma ocorrência as taxes dos Animotopônimos, Cronotopônimos e Somatopônimos, estas se referem à vida psíquica humana, indicadores cronológicos de tempo e relações metafóricas a partes do corpo humano ou animal, respectivamente.

Portanto, vimos a ocorrência de oito taxes toponímicas distribuídas entre as duas categorias taxionômicas. Destacam-se os Fitotopônimos com maior frequência, demonstrando grande influência do meio ambiente quando da escolha dos nomes para os lugares ocupados por seus habitantes.

A seguir é apresentado o gráfico que demonstra o percentual de taxes distribuídas nas duas categorias taxionômicas (Física e Antropocultural) proposta no modelo de Dick (1990). Segue o gráfico:

Gráfico 2 – Percentual total das 2 (duas) categorias taxionômicas que ocorrem na área pesquisada.



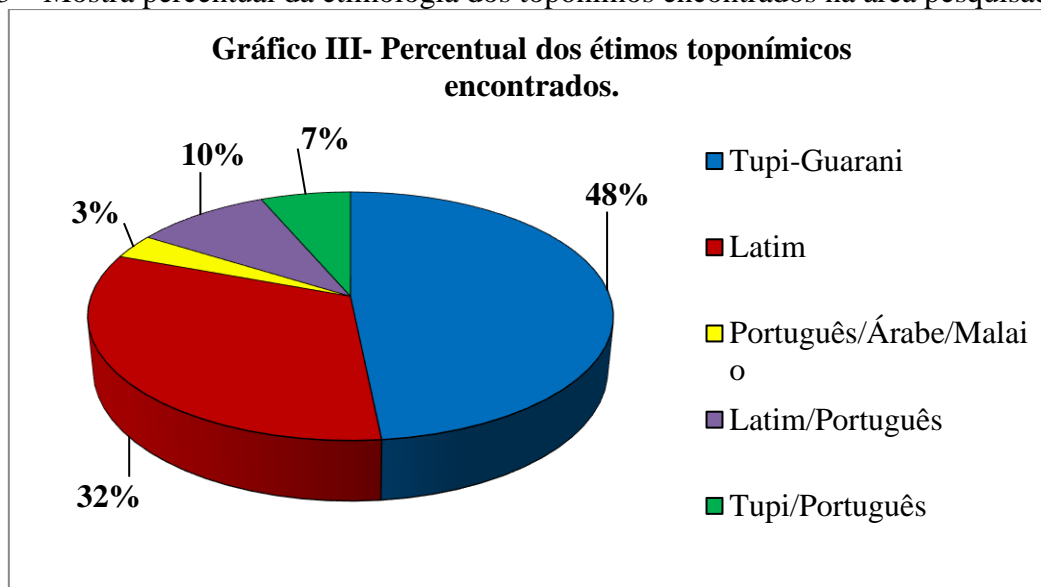
Fonte: Dados do corpus de pesquisa.

Neste segundo gráfico podemos observar que a categoria taxionômica que apresenta maior abrangência é a de natureza física com 76% do total. Representa esta categoria aspectos oriundos de características que fazem referência à natureza, a flora como, por exemplo: os nomes de plantas, de árvores, de frutos, etc. que facilitaria aos habitantes, pelo conhecimento que eles têm da região, encontrar a localização determinada. Também a fauna com a utilização dos nomes dos animais e frutos que muitas vezes caracteriza determinada área pela existência abundante destes. Ou então, por que em determinada época do ano esses animais se deslocam para aquele lugar, ou por alguma história ou lenda existente que se refere a determinado animal. São aspectos como estes que na maioria das vezes influenciam as comunidades ou as motiva a dar certo denominativo a um local.

Em seguida será apresentado por meio de dados gráficos o percentual etimológico dos topônimos que ocorrem na área pesquisada.



Gráfico 3 – Mostra percentual da etimologia dos topônimos encontrados na área pesquisada.



Fonte: Dados do corpus de pesquisa.

Neste terceiro gráfico a ocorrência do fenômeno representado, remete aos primórdios da história do próprio território brasileiro. É sabido que até a chegada dos europeus havia a existência de várias tribos indígenas espalhadas por todo o país. Em se tratando da região norte houve uma resistência muito grande por parte dos nativos indígenas que ocupavam a região, pelo fato de não aceitarem a submissão aos seus “dominadores”. A vivência e o grande conhecimento da floresta foi um bom trunfo usado pelos indígenas por algum tempo. Infelizmente tudo ruiu perante as armas de fogo, a crueldade e o ego dos homens brancos que aqui chegaram. Pouquíssimas tribos indígenas hoje existem no Brasil, milhares foram dizimados pelo homem branco, mas, muito da cultura desses povos ainda coexiste ante esse mundo “moderno” e muitos itens lexicais e expressões da língua, do idioma dessas tribos ainda são usados por nós hoje, muitas vezes até mesmo sem saber. Isso fica evidente quando fazemos pesquisas e descobrimos que a etimologia de muitas palavras é de origem da língua indígena.

Isto é o que demonstra o gráfico acima, toda a riqueza de palavras que poderiam ter sido perdidas ao longo do tempo permanece perpetuada dando significado a um lugar. Observa-se que 48% dos topônimos encontrados neste corpus possui étimo tupi-guarani, esta não deixa de ser uma valiosa herança deixada pelas tribos indígenas que aqui habitaram. Observa-se, ainda, que há influencia de denominativos de outros idiomas como: Latim; Português-Malaio-Árabe; 32%, e 3% respectivamente. Demonstrando o contato entre diferentes culturas que ocorreram nessa região.

CONSIDERAÇÕES

Primeiramente devemos pontuar que os dados coletados foram de suma importância e de total relevância não somente para esta pesquisa como para ser anexada a história do município que foi usado como corpus de estudo, sem dúvida. Em caráter de literatura são conhecimentos que se perpetuam como parte intrínseca da cultura desses indivíduos com o meio em que vivem pela maneira como eles o caracterizaram ao longo de sua história. Percebemos também que a língua indígena tem um importante papel na constituição da identidade local, na sua organização espacial, estabelecendo seus modos próprios muito por intermédio do léxico, pois, a nomeação de lugares, como já foi bem evidenciado ao longo do texto, é de suma importância para construção e estabelecimento de uma sociedade.

Portanto, o trabalho que realizamos nos permite afirmar que somos nós seres humanos que atribuímos significado a algo no momento em que o nomeamos. Ressalta-se novamente que esse é um estudo pioneiro e preliminar. Muito ainda pode ser descrito cientificamente e provavelmente será. Esta é apenas uma das muitas possibilidades de estudos que podem ser realizados sobre o assunto e sobre o objeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karilleila S. ATLAS TOPONÍMICO DO TOCANTINS (ATT): CRIAÇÃO DE UM SOFTWARE PARA A CATALOGAÇÃO DOS DADOS DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS. [s.l], [s.d].

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **PEQUENO VOCABULÁRIO TUPI-PORTUGUÊS**. Livraria São José: Rio de Janeiro, 1951.

DICK, Maria Vicentina do A. TOPONÍMIA E CULTURA. **Ver. Inst. Est. Bras.**, SP, 27: 93-101, 1987.

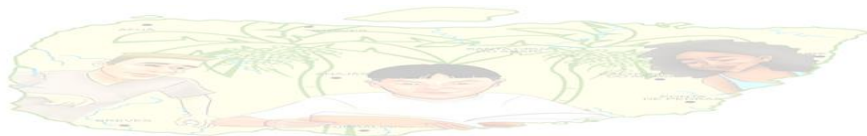
DICK, Maria Vicentina do A. ATLAS TOPONÍMICO DO BRASIL: TEORIA E PRÁTICA II. **Revista Trama - Volume 3 - Número 5 - 1º Semestre de 2007 – p. 141 – 155.**

GOMES NETA, Beatriz L. OS NOMES DE ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE MARIANA: microtoponímia urbana. **Dissertação de Mestrado-UFOP-127f**: 2016.

MELO, Pedro A. G. de. TOPONÍMIA INDÍGENA: UM ESTUDO LEXICAL DOS NOMES DE MUNICÍPIOS ALAGOANOS DE ÉTIMO TUPI. **VEREDAS FAVIP – Revista Eletrônica de Ciências - V. 6, n. 1** – janeiro a junho de 2013.

MELO, Pedro A. G. de. O NOME DE LUGAR: POSSÍVEIS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS TOPÔNIMOS DE POVOADOS DE ALAGOAS. **Odisseia, Natal, RN, n. 14, p. 69-89**, jan.-jun. 2015.

SILVA, Roner Pantoja da. Águas do Marajó: um breve estudo sobre os nomes das rotas marítimas de São Sebastião da Boa Vista – PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



SOUSA, Alexandre M. de. PROJETO ATLAS TOPONÍMICO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL BRASILEIRA: GÊNESE E TRAJETÓRIA. ÍCONE - **Revista de Letras, São Luís de Montes Belos**, v. 2, p. 31-42, jul. 2008.

IV COLÓQUIO DE LETRAS

SILVA, Roner Pantoja da. Águas do Marajó: um breve estudo sobre os nomes das rotas marítimas de São Sebastião da Boa Vista – PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: **2358-1131**